

Oficinas de Educação Patrimonial: graduandos e alunos da escola básica compartilhando um mesmo espaço de aprendizagem

Coordenação: Igor Salomão Teixeira¹

Carla Simone Rodeghero²

Autoria: Gustavo Mor Malossi³

Thaise Mazzei da Silva⁴

Desde o final de 2008, o Arquivo Público do Rio Grande do Sul (APERS) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) desenvolvem, em parceria, ações na área de educação patrimonial. Ela surgiu tanto para atender às escolas da Educação Básica quanto para atender aos graduandos do Curso de Licenciatura em História. No início do primeiro semestre letivo de 2009 foi lançada a oficina *Os Tesouros da Família Arquivo*, voltada aos estudantes do sexto e do sétimo anos do Ensino Fundamental, que aborda a temática da escravidão e da luta por liberdade no Brasil. Em 2010, foi construída a oficina *Desvendando o Arquivo Público: Historiador por um dia*, que discute o ofício do historiador e a produção de conhecimento histórico, para atender aos alunos do oitavo e nono anos do Ensino Fundamental. E, por fim, no ano de 2013, o Programa construiu a oficina *Resistência em Arquivo: Patrimônio, Ditadura e Direitos Humanos* destinada ao público de estudantes do Ensino Médio. Todas as três oficinas foram elaboradas a partir de acervos documentais custodiados pelo Arquivo.

Durante esses seis anos nos quais a parceria UFRGS&APERS oferece as oficinas para os estudantes das séries finais do ensino fundamental e para as três séries do ensino médio, centenas de turmas já foram recebidas na Sala Borges de Medeiros, espaço pedagógico localizado nas dependências do Arquivo Público, para vivenciarem dinâmicas organizadas a partir de documentos e da metodologia da Educação Patrimonial. Essa abordagem partiu da ideia de que o trabalho com documentos históricos exigia um tratamento didático, de modo que o manuseio deles servisse de estímulo para a compreensão não apenas das temáticas abordadas, mas também do processo de construção do conhecimento histórico. A metodologia, que toma bens culturais como ponto de partida para o desenvolvimento de tarefas pedagógicas no processo de ensino-aprendizagem (Luporini, 2002) é aplicada, atualmente, por seis bolsistas de extensão universitária do Curso de História da UFRGS em conjunto com cinco estagiários do Arquivo, acompanhados de três historiadoras também do APERS e com o apoio de três professores da UFRGS (Departamento de História e Colégio de Apli-

1 Professor do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Coordenador do Programa de Educação Patrimonial UFRGS&APERS.

2 Professora do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Coordenadora Adjunta do Programa de Educação Patrimonial UFRGS&APERS.

3 Aluno do Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Bolsista de Extensão da Equipe do Programa de Educação Patrimonial UFRGS&APERS.

4 Aluna do Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Estagiária do Programa de Educação Patrimonial UFRGS&APERS.

cação).

Os alunos do ensino básico entram em contato, nas três oficinas, com histórias de diversos personagens que viveram em diferentes períodos e contextos históricos. Ainda que organizadas por meio de dinâmicas semelhantes, cada uma das oficinas possui peculiaridades resultantes da diversidade apresentada pela documentação trabalhada. No geral, os alunos são recepcionados no auditório da Instituição, espaço no qual ocorre um momento de sensibilização acerca da temática e no qual são construídos alguns conhecimentos sobre noções básicas das discussões no presente travadas sobre patrimônio. Depois disso são divididos em grupos de cinco alunos, mais ou menos, que trabalham com reproduções dos documentos e materiais pedagógicos diversos.

As dinâmicas são conduzidas por questões-problemas, discutidas com a ajuda dos “oficineiros” (bolsistas ou estagiários que acompanham cada pequeno grupo de alunos) que permitem aos alunos, partir da informação contida nos documentos, passando pelos silêncios e lacunas das fontes para construir um tipo de conhecimento mais elaborado. Essa reflexão ajuda a abandonar, ou ao menos relativizar, o critério de correspondência imediata entre o registro do passado e o passado vivido e fazer uma série de considerações a respeito da construção do conhecimento histórico (Mullet; Seffner, 2008) e de cada uma das temáticas abordadas.

Esse é o trabalho cotidiano da equipe. Sempre às terças, quartas e quintas-feiras nos turnos da manhã e tarde, são recebidas as escolas (as segundas e sextas-feiras são reservadas para reuniões internas). Ao longo desse processo, não são poucos os aprendizados que a equipe tem construído. A experiência com as oficinas aproxima osicineiros dos contextos singulares, diversos e complexos de cada grupo de alunos, de cada escola. São múltiplos os questionamentos trazidos por eles a cada nova oficina, o que resulta em uma experiência rica de aprendizagens no processo de formação acadêmica de cada um dos graduandos. Nesse sentido, acreditamos que um dos importantes resultados desse trabalho é o compartilhamento de aprendizados no contexto mesmo de um trabalho de extensão universitária, no qual são beneficiados universitários, universidade e comunidade.

Referências:

LUPORINI, Teresa Jussara. Educação Patrimonial: projetos para a Educação Básica. Revista Ciências & Letras. FAPA: Porto Alegre, jan/jun. 2002

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula. **Revista Anos 90**. Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS: Porto Alegre, v.15, n.28, p.113-128, dez.2008.